



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**JOSCILEN OLIVEIRA MATIAS FERNANDES**

**SENTIMENTO EM CORES: AS FASES DO LUTO DE LEIGH EM AS  
*EXTRAORDINÁRIAS CORES DO AMANHÃ* DE EMILY X.R. PAN**

**GUARABIRA  
2024**

JOSCILEN OLIVEIRA MATIAS FERNANDES

**SENTIMENTO EM CORES: AS FASES DO LUTO DE LEIGH EM AS  
*EXTRAORDINÁRIAS CORES DO AMANHÃ* DE EMILY X.R. PAN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de Letras Inglês da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito à obtenção do  
título de Licenciada em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa.

**GUARABIRA  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363s Fernandes, Joscielen Oliveira Matias.

Sentimento em cores [manuscrito] : as fases do luto de Leigh em "As extraordinárias cores do amanhã" de Emily X.R. Pan / Joscielen Oliveira Matias Fernandes. - 2024.

17 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Símbolos . 2. Estágios do Luto. 3. Psicologia das Cores.  
I. Título

21. ed. CDD 810

JOSCIELLEN OLIVEIRA MATIAS FERNANDES

SENTIMENTO EM CORES: AS FASES DO LUTO DE LEIGH EM AS  
EXTRAORDINÁRIAS CORES DO AMANHÃ DE EMILY X.R. PAN

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
Letras Inglês da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciada em Letras Inglês.

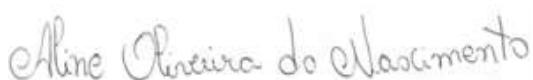
Aprovada em: 17/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



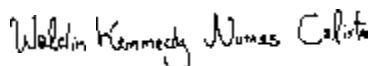
---

Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Aquela não era minha mãe. Minha mãe está livre no céu. Ela não tem o peso de um corpo humano, não é composta por um único ponto cinza. Minha mãe é um pássaro” (Pan, 2019, p.14).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tabela de cores do luto de Leigh.....	16
--	----

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	06
2	UM SUPERPODER: A HABILIDADE DA LEITURA E SUAS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES .....	08
3	MATIZES DO LUTO: A SAUDADE COLORIDA DE LEIGH .....	10
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	16
	REFERÊNCIAS .....	17

## SENTIMENTO EM CORES: AS FASES DO LUTO DE LEIGH EM AS EXTRAORDINÁRIAS CORES DO AMANHÃ DE EMILY X.R. PAN

Joscielen Oliveira Matias Fernandes<sup>1</sup>

### RESUMO

Um símbolo posto na narrativa carrega significados ocultos que uma leitura subjetiva não pode revelar. Nesse sentido, este estudo utiliza uma metodologia qualitativa baseada na pesquisa bibliográfica, para explorar o simbolismo das cores expressas por Leigh, a protagonista do romance *As extraordinárias cores do amanhã* de Emily X. R. Pan (2019). O presente artigo tem como objetivo desvendar os significados latentes desses símbolos, argumentando que estes resistem a interpretações simplistas e requerem uma abordagem analítica mais rigorosa, semelhante à proposta por Manguel (1997). Sob essa ótica, a ênfase dessa análise está em um exame do processo de luto de Leigh após a morte da sua mãe, utilizando o método de Manguel (1997) para ilustrar como o simbolismo da cor contribui para a profundidade da narrativa. O estudo apoia-se na investigação pioneira de Kubler-Ross (1981), o qual discorre sobre os estágios do luto e as suas dimensões, bem como a exploração de Heller (2013) no que diz respeito à psicologia das cores e seus significados. Além disso, baseia-se nos conhecimentos de Manguel (1997) e Pound (2006) no que se refere à análise literária. Em vista disso, vemos a contribuição do símbolo da cor na narrativa para a compreensão e superação do luto do protagonista, e o significado dessas cores.

**Palavras-chave:** Estágios do luto; Psicologia das Cores; Símbolos.

### ABSTRACT

A symbol placed in the narrative carries hidden meanings that a subjective reading cannot reveal. In this sense, this study uses a qualitative methodology based on bibliographical research to explore the symbolism of the colors expressed by Leigh, the protagonist of the novel *The astonishing color of after* by Emily X. R. Pan. This article aims to uncover the latent meanings of this symbol, arguing that they resist simplistic interpretations and require a more rigorous analytical approach, similar to that proposed by Manguel (1997). The emphasis of this analysis is on an examination of Leigh's grieving process following the death of her mother, using Manguel's method to illustrate how the symbolism of color contributes to the depth of the narrative. The study draws on Kubler-Ross's (1981) pioneering research into the stages of grief and its dimensions, as well as Heller's (2013) exploration into the psychology of colors and their meanings. It also draws on the knowledge of Manguel (1997) and Pound (2006) with regard to literary analysis. At the end of this article, we see the contribution of the color symbol in the narrative to understanding and overcoming the protagonist's grief, as well as the meaning of these colors.

**Keywords:** Stages of grief; Color psychology; Symbols.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: [joscielen.fernandes@aluno.uepb.edu.br](mailto:joscielen.fernandes@aluno.uepb.edu.br)



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende realizar uma análise da obra *As extraordinárias cores do amanhã* (2019), de Emily X. R. Pan, evidenciando a função das cores presentes na obra e os seus significados nos momentos de luto da personagem Leigh, pois acreditamos que há uma simbologia presente na utilização delas. Observamos, ao ler essa obra ficcional, que há um recorrente uso desse atributo, ao buscar simbolizar os sentimentos e os momentos da vida da protagonista. Contudo, delimitaremos nosso olhar para a questão do luto, e observaremos como essas cores representaram os sentimentos e a interioridade da personagem.

O romance em análise traz situações que ocorrem no mundo real, mesclando-as com o fantástico<sup>2</sup>, e narra a história de Leigh, uma jovem adolescente que se vê em uma fase muito atribulada de sua vida. Após a repentina e traumática morte de sua mãe, a personagem entra em um estado de negação profunda sobre essa partida. Nesse cenário, ela não acredita que sua mãe tenha morrido, mas sim se transformado em um lindo pássaro vermelho que, em alguns momentos, vem visitá-la: “minha mãe é um pássaro. Não no sentido metafórico de algum fluxo de consciência de William Faulkner. Minha mãe. Literalmente. É um pássaro.” (Pan, 2019, p.6). Seguindo rastros dessa ave, Leigh decide viajar para Taiwan, terra dos seus avós maternos, local em que busca compreender a história oculta de sua mãe.

Como destacado anteriormente, na obra em análise, a personagem principal busca expressar seus sentimentos por meio das cores. Em contato com o seu melhor amigo, Axel, podemos observar que o conteúdo discursivo relatado ao amigo é pautado pelo uso desse símbolo, como podemos observar no seguinte trecho “-- — Qual é a cor? — Axel perguntou calmamente. Essa é a pergunta que sempre fazemos para descobrir o sentimento um do outro” (Pan, 2019, p. 7). Tendo conhecimento disso e sendo movidos pela inquietação de desvendar o que a personagem estava tentando transmitir através desses enigmáticos tons, deu-se a necessidade de estudarmos seus significados; entretanto, delimitamos nosso olhar à expressividade das cores referentes ao luto da personagem, visto que percebemos que, após o suicídio de sua mãe, Leigh passa por um processo bastante doloroso, e busca materializar os sentimentos por meio de cores, para exteriorizá-los.

Buscando compreender os significados das cores presentes na obra em análise, a pesquisa está amparada nas seguintes contribuições teóricas e críticas: Ezra Pound (2006) e Alberto Manguel (1997), acerca dos ensinamentos sobre literatura, Eva Heller (2013) no que diz respeito à psicologia das cores, e Kubler-Ross (1981) no que tange às características dos estágios do luto. Desse modo, acreditamos que essa base teórica é relevante e pode evidenciar os significados das cores presentes no texto analisado.

Vale ressaltar que a presente pesquisa tem o caráter bibliográfico e qualitativo, visto que foi realizada mediante um levantamento bibliográfico em que utilizamos livros, artigos e textos em *sites* referentes à temática proposta, ou seja, a simbologia das cores presentes no sentimento de luto da protagonista do romance. A partir da leitura da fortuna crítica, organizamos os fichamentos (da obra, bibliografia crítica e teórica), objetivando conhecer o *corpus*, a teoria e selecionar o material, para podermos conceber esse trabalho. Desse modo, com base nos elementos

---

<sup>2</sup> “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário” (Todorov, 1980, p.16).

constitutivos dessa pesquisa, acreditamos que se possa evidenciar os significados das cores presentes no texto analisado.

## **2 UM SUPERPODER: A HABILIDADE DA LEITURA E SUAS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES**

Os humanos expressam seus sentimentos de diversas formas: um toque físico, um gesto, uma palavra, ou até mesmo o silêncio. Para Leigh, personagem protagonista do romance de Pan (2019), a expressão de seus sentimentos está correlacionada ao uso de cores. Nessa perspectiva, para entendermos o que ela está querendo transmitir, precisamos ter conhecimento sobre o simbolismo contido nessas cores. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2015, p.18), “O símbolo é, portanto, muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. Está carregado de afetividade e de dinamismo”. À vista disso, movidos pela inquietação de entender a simbologia de cada cor atribuída aos sentimentos da personagem do romance, fez-se necessária uma análise de tais itens presentes na narrativa, a fim de interpretar o que Leigh quis nos transmitir por meio das cores em seu discurso. Isso posto, discutiremos a importância dos múltiplos significados em um texto literário.

A habilidade da leitura na qual se é capaz de decifrar os códigos e signos escritos deram a Alberto Manguel uma sensação de superpoder. Ele relata em seu livro *Uma história da leitura* (1997) que se sentiu como o “todo-poderoso” ao conseguir ler pela primeira vez. Porém, ler literatura é ir além da decodificação das letras escritas, também se trata de entender os significados que transcendem o agrupamento de palavras e frases. Nessa conjectura, Ezra Pound (2006, p. 32) afirma que “literatura é linguagem carregada de significado”, e diferentes autores buscam inserir sentido até nos mínimos detalhes de suas obras, por meio de objetos, nomes, cheiros, cores, entre outros artifícios.

Sobre os múltiplos significados em um texto ficcional, eles podem revelar mais do que o óbvio, cada símbolo posto em uma narrativa tem uma potencialidade enigmática a ser decifrada pelo/a leitor/a. Por esse prisma, ao lermos uma obra ficcional, iremos atribuir significados aos símbolos dispostos na obra e faremos uma interpretação desses elementos. Manguel (1997, p. 27) discorre sobre seus modelos particulares de leitura e cita duas maneiras peculiares de contato com o texto artístico: “primeiro, seguindo ofegante os eventos e os personagens”, isto é, de forma despreocupada e subjetiva. Nesse caso, o leitor visa, unicamente, compreender o enredo e terminar a obra. Entretanto, o autor apresenta uma segunda maneira de leitura:

Explorando cuidadosamente, examinando o texto para compreender seu sentido emaranhado, descobrindo prazer no simples som das palavras ou nas pistas que as palavras não queriam revelar, ou no que suspeitava estar escondido no fundo da própria história, algo terrível ou maravilhoso demais para ser visto (Manguel, 1997, p.27).

Com base nos modelos de leitura do autor supradito, ao lermos *As extraordinárias cores do amanhã* (2019) e ao adotarmos o primeiro processo do ato de ler do referido literato, podemos observar o uso recorrente de cores na trama, mas não temos como identificar a real mensagem e significado por trás delas. Somente lendo cuidadosamente e se atentando aos detalhes e significados delas, poderemos nos aprofundar na vastidão de possíveis sentidos que a protagonista do romance tenta

transmitir. Portanto, é de suma importância realizarmos a segunda leitura proposta por Manguel (1997) — uma leitura que nos revelará muito mais do que está visivelmente escrito.

Como pretendemos conhecer os significados das cores, a obra *A psicologia das cores* (2013), de Heller, é um estudo que busca compreender e explicar os efeitos que tais elementos causam no ser humano e suas reações a cada uma delas. A autora analisa como as cores podem incitar emoções — como raiva, medo, tristeza, nojo, surpresa, curiosidade, aceitação e alegria. De modo geral, a psicologia das cores pode ser aplicada, principalmente, no marketing, na publicidade e, também, na literatura, sendo este o foco da presente pesquisa. Assim, para conseguirmos obter resultados acerca dos significados do símbolo “cor” apresentado no romance *As extraordinárias cores do amanhã* (2019), de Pan, buscamos suporte nas considerações de Eva Heller (2013), a qual descreve que:

Conhecemos muito mais sentimentos do que cores. Dessa forma, cada cor pode produzir muitos efeitos, frequentemente contraditórios. Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante (p. 22).

Tendo conhecimento das múltiplas possibilidades de significados de uma cor em específico, Heller (2013) explica que o principal critério para analisar os seus significados é o contexto em que são inseridas. Em virtude disso, nessa análise, delineamos o nosso olhar crítico para o contexto em que a protagonista do romance se encontra, ou seja, o luto.

No que diz respeito ao luto, os humanos são conscientes que irão passar por essa etapa dolorosa em algum momento da vida, porém a morte é um assunto que muitas pessoas evitam falar, por sentirem medo dessa verdade. Nesse viés, temos um questionamento: por que temos medo da morte? Kübler-Ross (1981) discorre sobre essa questão, ao defender que:

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance [...] Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo (p.13).

Como voltamos nosso olhar para o luto da protagonista, a obra *Sobre a morte e o morrer* (1981), da psiquiatra Elisabeth Kübler, descreve os 5 estágios do luto, a saber: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Nesse livro, a autora traz uma pesquisa sobre como pacientes, bem como a família deles, reagem ao receber a notícia de uma doença terminal, como se assemelham suas reações e como, de certo modo, diferem-se. Portanto, essa obra nos guiará na tentativa de captar as fases do luto vivenciadas por Leigh, e de entender quais eram as cores apresentadas em cada um desses estágios. Essa discussão teórica é salutar, pois comungamos elementos da teoria literária, propostas de leitura, simbolismo das cores e uma pesquisa sobre o luto, buscando evidenciar um traço estético da obra em análise.

### 3 MATIZES DO LUTO: A SAUDADE COLORIDA DE LEIGH

Na presente análise, trabalhamos com o conceito de luto, que, consoante o psicanalista Sigmund Freud (2010), é a "reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc." (p.172). Nessa perspectiva, diz respeito à série de comportamentos de um indivíduo acerca do processo de perda de algo ou de alguém, como o falecimento de um ente querido, o fim de um relacionamento, a descoberta de uma doença, entre outros exemplos.

É válido pontuar que a pesquisa de Kubler-Ross (1981) foi realizada a partir do ponto de vista do luto de pessoas em situação de doenças terminais. No entanto, como é dito por ela, os membros da família também passam por esses estágios de luto, porém com características que se diferem um pouco de quem está diretamente com o problema. Também é importante lembrar que o sentimento do luto é bastante pessoal e subjetivo, e cada um vive esse momento de modo particular, portanto os cinco estágios apresentados em *Sobre a morte e o morrer* (1981) — negação, raiva, barganha, depressão e aceitação — não se aplicam a todos os indivíduos e tampouco seguem sempre a ordem apresentada pela autora. Vejamos:

[...] um estágio não substitui o outro, mas podem coexistir lado a lado, às vezes até se justapondo. Muitos pacientes atingiram a aceitação final sem nenhuma intervenção exterior; outros necessitaram de assistência para superar os diferentes estágios e morrer dignamente em paz (Kubler-Ross, 1981, p. 286).

Vários fatores podem influenciar e caracterizar o luto de uma pessoa, como, por exemplo, sua personalidade e experiências passadas. Por isso, é possível que, nessa análise, não consigamos captar em Leigh, protagonista do romance analisado, alguns desses estágios, por não serem aplicados ao seu processo e comportamento de luto.

*As extraordinárias cores do amanhã* (2019), de Pan, conta a história de Leigh por meio de um narrador-protagonista. Nesse contexto, Leigh descreve como foi perder sua mãe para o suicídio, mostrando que ela não acredita que sua mãe tenha morrido de verdade, mas sim se transformado em um pássaro. Certa vez, quando estava dormindo na sala, uma noite antes do funeral da matriarca, a personagem em questão tem a visão de um lindo pássaro de plumagem vermelha pousar no jardim de sua casa, e ele chamava por seu nome. A partir disso, ela passou a acreditar que esse pássaro, na verdade, era sua mãe. Alguns dias depois, ela voltou a vê-lo, e dessa vez levou consigo uma caixa, "— A caixa é de seus avós — disse minha mãe, o pássaro" (2019, p. 24). Sabendo que essa caixa pertence aos pais de sua mãe, Leigh parte em direção a Taiwan, terra de seus avós, para, assim, saber o que o pássaro (sua mãe) quer que ela descubra.

Nesse viés, o primeiro estágio do luto de Leigh que podemos observar é a negação. Em seu discurso, torna-se evidente que ela não consegue aceitar que sua mãe morreu, pois, para ela, é certo que sua mãe se transformou em um pássaro, como podemos perceber no seguinte trecho:

Diante de mim estava um corpo mais acinzentado do que um rascunho. Alguém havia aplicado maquiagem com cores para tentar fazê-la parecer viva. Não chorei. Aquela não era minha mãe. Minha mãe está livre no céu. Ela não tem o peso de um corpo humano, não é composta por um único ponto cinza. Minha mãe é um pássaro (Pan, 2019, p. 14).

O estágio de negação é uma fase da qual todas as pessoas em fase terminal, entrevistados por Kubler-Ross (1981), vivenciam. Ela explica que a primeira reação que todos eles têm é “Não, eu não, não pode ser verdade” (p. 50). Essas pessoas procuram por respostas em outros hospitais e se revoltam ao receberem a notícia de que elas têm pouco tempo de vida. Segundo a autora, isso se dá, pois, em nosso inconsciente<sup>3</sup>, somos todos imortais, e nos é inconcebível termos de enfrentar a morte. Em parte, essa é uma defesa temporária do corpo humano, que logo é substituída por uma aceitação parcial. Kubler-Ross (1981) explica, ainda, que raramente é um estágio que dura até o fim da vida, mas que, por vez ou outra, tem-se a necessidade de retornar a ele.

Para esse estágio de seu luto, Leigh atribui seu sentimento à cor branca. Observemos o diálogo entre Leigh e Axel: “Qual é a cor? — Axel sussurrou ao chegar ao meu lado. [...] — Branco — sussurrei de volta, e pude sentir sua surpresa. Talvez ele esperasse um azul glacial ou vermelhão intenso no fim da tarde” (2019, p.15). Sobre as acepções das cores, o branco está ligado a vários significados, sendo alguns deles pureza, paz e inocência, porém o branco está intrinsecamente ligado ao luto. Segundo Heller (2013), “o branco como cor destituída de cor — é nesse sentido (...) cor do luto” (2013, p. 307). Podemos, assim, observar como Leigh, nesse momento, retrata-se como estando ausente de cor, ou seja, o branco é uma oposição ao colorido (representação simbólica e sinônimo de alegria). Assim, ao dizer que está sentindo um branco em sua vida, podemos concluir que Leigh está extremamente desprovida de felicidade, vivenciando um completo vazio emocional. Heller (2013) também explica que o branco é utilizado por gerações na Ásia, como cor tradicional do luto, assim como também já foi difundido na Europa um dia.

Nesse primeiro quesito analisado, o leitor apressado pode compreender o enredo da obra, mas não se detém aos aspectos sutis das narrativas literárias. Nesse momento específico da trama, temos um traço pouco observado pelos leitores, mas que contribui na construção dos significados da obra.

Quando o sentimento de negação já não pode ser mantido, e o indivíduo começa a ter conhecimento de sua realidade, essa rejeição pode ser substituída pelo sentimento da raiva, caracterizada por revolta, inveja e ressentimento. De acordo com Kubler-Ross (1981):

Contrastando com o estágio de negação é muito difícil, do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar, lidar com o estágio da raiva. Deve-se isso ao fato de esta raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível (p. 62-63).

O direcionamento dessa raiva pode alcançar entes queridos, cuidadores, médicos e, até mesmo, o próprio paciente, que se sente frustrado com toda a situação. É comum que, nessa fase, eles se perguntem “por que eu e não outra pessoa está passando por isso?”; “o que fiz para merecer algo assim?”; “isso é um castigo de Deus?”. Nesse momento, é preciso a compreensão e a validação desse sentimento por parte das pessoas próximas ao enlutado, ignorar ou tentar minimizar a situação só o fará ter mais raiva.

---

<sup>3</sup> “O inconsciente é a maior parte que constitui o aparelho psíquico, nele estão contidas as nossas lembranças e memórias que não estão ao alcance da consciência. Os processos mentais que surgem do inconsciente emergem sem a nossa percepção consciente da realidade” (Morettini, 2023).

No que tange à obra, o direcionamento da raiva de Leigh se voltou contra muitas pessoas, a exemplo de seu melhor amigo Axel, de seu pai, e até contra si mesma. Mas, podemos perceber uma carga maior dessa raiva voltada ao pai:

O som do café borbulhando interrompe meus pensamentos. Isso significa que papai está na cozinha. Eu realmente não quero encará-lo. Estou cansada de que duvide de mim, e estou cansada da maneira como ele anda de um lado para o outro emanando um tom escuro de cinza azulado (Pan, 2019. p. 28).

A partir desse trecho, vemos como Leigh se sente muito frustrada pelo fato de seu pai não acreditar quando ela diz que sua mãe se transformou em um pássaro, e fica ainda mais irritada quando ele propõe levá-la ao médico para se consultar. A jovem diz, ainda, que está cansada de como seu pai exala uma cor cinza azulado. Temos, nesse instante da narrativa, uma nova cor em destaque: a cor cinza. Segundo Heller (2013), o cinza é a cor do tédio, da crueldade e do velho, também é uma cor considerada sem caráter, por ser muito difícil de caracterizá-la. Além disso, a cor cinza carrega outros dois significados: uma cor muito vaga e indecisa. Para Heller (2013),

Toda cor que se mistura ao branco ou ao preto fica turva, sombria. Existe o cinza azulado, avermelhado e amarelado – mas não existe o cinza luminoso. Os contrários psicológicos mais fortes do cinza são o amarelo e o laranja, cores da luminosidade e da alegria de viver (p. 499).

Ao relacionar a cor cinza ao seu pai, o leitor pode aventar as seguintes características presentes nessa figura paterna: um homem vinculado ao tédio, com um traço de crueldade comportamental, pois não entende o sofrimento da filha, e aspectos de senilidade. Para além do cinza que Leigh diz que seu pai emana, ela também atribui a cor que muitos já caracterizam como a cor do sentimento de raiva. Sobre isso, a personagem diz: “a raiva dispara carmesim alizarina através de mim, e um grito pronto fica preso na minha garganta” (2019, p. 60).

Carmesim é um tom de vermelho, cor do amor, do ódio, da força, do perigo. De acordo com Heller (2013), “O ódio é vermelho”, isso reforça ainda mais a percepção da irritabilidade de Leigh com seu pai nesse momento de seu luto. Mais uma vez, destacamos os aspectos simbólicos presentes em um texto literário, visto que a personagem não expõe, verbal e explicitamente, os seus sentimentos, ela utiliza o filtro das cores. Sendo assim, por meio desses elementos e seus significados, os leitores podem identificar o real sentido das emoções da personagem.

Nesse sentido, enquanto as crianças, quando querem algo, tentam negociar com seus pais, os enlutados podem tentar fazer acordos e negociações com Deus, ou forças superiores, em troca de mais tempo de vida, menos dores físicas e uma mudança milagrosa de realidade. Essas são características da barganha, terceiro estágio do luto apresentado por Kubler-Ross (1981). A autora defende que esse momento “é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto” (1981, p. 95). A barganha foi um estágio complicado de se identificar no comportamento do luto da protagonista, entretanto podemos interpretar que ele se deu através da esperança de ter encontrado uma maneira de manter sua mãe consigo.

Ao viajar para Taipei e se conectar as origens de sua falecida mãe, Leigh aprende bastante coisa sobre a cultura Taiwanesa, entre elas aprende sobre um ritual, em que se guarda uma placa memorial com o nome do falecido, e, por quarenta e

nove dias, cantam sutras e acendem incensos para ajudar essas pessoas a fazerem a transição para a nova vida. Sobre esse aspecto, destacamos o seguinte trecho:

– Eles estão cantando sutras para aqueles que já se foram. Especialmente aqueles que faleceram há menos de quarenta e nove dias – explica Feng.[...] – Quarenta e nove dias? – Após a morte de uma pessoa, ela tem quarenta e nove dias para trabalhar seu carma e se desligar das coisas que a mantém presa a essa vida. Coisas como pessoas, promessas e memórias. Então, ela faz sua transição. O templo mantém cada placa amarela por quarenta e nove dias. Depois disso, elas são queimadas. [...] – Que transição? – O renascimento, é claro – conclui Feng (Pan, 2019, p.135).

Diante disso, Leigh planeja capturar sua mãe-pássaro antes que se completem os seus quarenta e nove dias de falecimento, impossibilitando-a de fazer sua transição, indo contra as regras do mundo espiritual e das divindades, pois ela não suporta a ideia de perdê-la para sempre.

Ao observar a obra em sua totalidade, não foi possível visualizar a temática da barganha de modo mais claro, mesmo entendendo que o ritual taiwanese, e a tentativa da personagem em deter a partida simbólica de sua mãe, sejam possíveis demonstrações de barganha. Contudo, não foi possível identificar, nesse estágio, uma cor à qual Leigh tenha atribuído algum sentimento, já que cada pessoa é singular e vive o luto à sua maneira, conforme enfatizamos anteriormente.

Após a morte de sua mãe, uma pergunta que sempre vem à mente de Leigh é “de quem é a culpa”? Na visão da protagonista, há um culpado e, em alguns momentos, ela atribui essa culpa a si mesma. Vejamos: “Foi minha culpa? Se eu tivesse apenas... Ou se papai tivesse apenas...” (Pan, 2019, p.73). Leigh está sempre pensando nas possibilidades, ou se algo poderia ter sido feito em favor da vida de sua mãe, como podemos observar no trecho a seguir: “Quão cruciais são esses ínfimos fragmentos agora; quão enorme é a sua ausência. Eu deveria tê-los salvado, reunindo todos como se fossem gotas de água em um deserto. Sempre contei com um oásis.” (Pan, 2019, p.35). Ela sente uma grande tristeza por não ter passado muito tempo com a mãe, deseja retroceder e consertar todo o tempo perdido.

O quarto estágio do luto apresentado por Elisabeth Kubler-Ross (1981) é a depressão. Esse momento é caracterizado por um sentimento de grande perda e culpa. A psiquiatra em destaque descreve dois tipos distintos de depressão que pacientes terminais podem experimentar durante o processo de luto: a depressão reativa e a depressão preparatória. A depressão reativa é uma resposta direta às perdas específicas que o paciente já experimentou, a qual está associada a perdas passadas e mudanças repentinas que o paciente vem sofrendo, como a perda de um emprego, habilidades e características físicas, *status* social, entre outros aspectos. Já a depressão preparatória é uma resposta à antecipação da perda futura, relacionada à preparação emocional para a morte iminente. É um estágio caracterizado pela introspecção do paciente, em que se faz uma reflexão sobre a sua vida, pelo que já passou e pelo que perderá. Vejamos a explicação da autora:

O paciente está prestes a perder tudo e todos a quem ama. Se deixarmos que exteriorize seu pesar, aceitará mais facilmente a situação e ficará agradecido aos que puderem estar com ele neste estado de depressão sem repetir constantemente que não fique triste (Kubler-Ross, 1981, p. 100).

No que concerne a esse estágio, uma das cores atribuídas por Leigh para expressar seu sentimento é o azul. A personagem diz: “Nós a amamos do jeito errado? Onde foi que falhamos? O que preciso é dormir. O sono acabará com todos esses pensamentos, essa espiral azul viridiano” (Heller, 2019, p.113). O azul é visto como a cor predileta, da calma e, até mesmo, da paz, mas também está associado à tristeza. Isso se dá, pois o azul é concebido como distante e frio:

Nós associamos as cores às distâncias porque elas realmente mudam com a distância. O vermelho só é luminoso quando está perto, assim como o fogo só aquece quando estamos próximos a ele. Quanto mais distante o vermelho estiver, mais azulado se torna. Todas as cores à distância se tornam mais tristes e azuladas, pois são recobertas por camadas de ar (Heller, 2013, p. 48).

O passar do tempo e a distância da mãe trazem consigo o sentimento de depressão e, simbolicamente, o azul se destaca. Nesse caso, Leigh está em um polo e sua mãe em outro, sem uma perspectiva de aproximação, logo temos a predominância do azul e, assim como descreve Heller (2013), quanto maior a distância da cor, mais triste e azulada ela se torna.

Quando a depressão de Leigh fica mais intensificada, ela começa a ter delírios e alucinações. Uma delas se deu quando sentiu que uma tinta preta e densa estava percorrendo a casa de seus avós, local em que ela estava morando e tomando conta de tudo. A personagem retrata esse fenômeno: “o frio preto e denso, como tinta, me engole e não é mais possível ver nada. Nada mesmo. Nem as galáxias. Nem as constelações. Apenas eu e o abismo” (Pan, 2019, p.378). O preto, considerado uma cor sem cor, está extremamente ligada ao sombrio, vazio e mau. Nesse sentido, o preto está ausente de luz, sendo explicado por Heller (2013) como a cor do fim: “tudo termina em preto: a carne decomposta fica preta, assim como as plantas podres e os dentes cariados” (2013, p. 235). Por fim, é o tom que, de forma majoritária, caracteriza o luto. De acordo com sua pesquisa, Heller (2013) aponta as cores do luto da seguinte maneira: preto (80%), cinza (8%), violeta (5%) e branco (5%).

A personagem da obra em questão também diz sentir como se estivesse só ela e o abismo, Nietzsche (2001) diz que “quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (2001, p.89), o estágio de depressão é caracterizado, também, como um período de isolamento e de introspecção. Sendo assim, ao vivenciar o abismo, Leigh tem de encarar a si mesma, pois, como Nietzsche (2001) disse, ao olharmos o abismo, ele acabará por olhar para nós também, nisso estando nesse completo vazio, em que não se vê nada, Leigh passa a enfrentar a si mesma, observando suas fraquezas, obscuridade e temores, podendo, assim, acabar se perdendo, deixando que seus monstros tomem conta dela.

Quando a morte é iminente e não se pode mais negar, sentir raiva ou tentar fazer acordos com divindades, tem-se o estágio de aceitação. É um processo que não é linear e pode variar significativamente entre os indivíduos, portanto, alguns pacientes mantêm a esperança de que podem se salvar até o final de suas vidas, negando-se a acreditar que irão morrer. Vale ressaltar que aceitar a realidade da morte não é estar totalmente bem ou feliz com a ideia, mas sim desprender-se do medo de morrer e conseguir ter paz consigo mesmo antes do fim da sua vida. A autora desdobra essa temática:



Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do "repouso derradeiro antes da longa viagem", no dizer de um paciente. É também o período em que a família geralmente carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente (Kubler-Ross, 1981, p.127).

Algo que ajuda Leigh em seu processo de aceitação são as lembranças. Em um certo momento da trama, ela encontra incensos que, ao serem queimados, teletransportam a personagem para memórias passadas, não necessariamente dela, mas de outras pessoas também, como sua mãe, pai e avó. Ao recordar-se de momentos felizes ao lado de sua família, Leigh acaba se libertando um pouco da dor. Vejamos:

Permaneço ali, com os pés enraizados no tapete daquela lembrança, observando até que minhas costelas me atravessem e pulverizem meu coração, enviando o calor da minha falta a todos os lugares. O sofrimento sai de mim em um sépia escuro (Pan, 2019, p. 71).

Após uma longa jornada de buscas por descobertas acerca de sua mãe, notamos na protagonista sua iniciação ao estágio de aceitação de seu luto. Nessa fase, Leigh já se permite sorrir sem culpa, bem como perdoar seu pai, libertando-se da raiva que estava sentindo por ele:

Em algum momento, a escuridão começa a clarear. O preto se transforma em um índigo escuro. O índigo desaparece e se torna roxo dioxazina, que muda para azul-cobalto, depois azul-céu e assim por diante, com brilhos de aquarela. O mais claro tom de rosa surge como um toque do nascer do sol. Redemoinhos de branco florescem, desenrolando-se, expandindo-se como um aroma (Pan, 2019, p. 382).

O índigo, roxo, azul-cobalto, azul-céu, rosa-claro e, por fim, o branco, ou seja, essa graduação das cores demonstra que Leigh está se libertando do estágio de depressão. Em decorrência disso, o preto predominante vai se dissolvendo e se transformando em outras cores. O índigo, azul-cobalto e o roxo são bem intensos e demonstram o esmorecimento da dor de Leigh, como uma graduação de desbotamento, e esses tons começam a clarear, passando para um azul-céu e rosa-claro, cores que transmitem suavidade, gentileza e conforto. Por fim, ela cita o branco, o qual difere do branco da negação, pois Leigh, no seu processo de aceitação da morte materna, não retoma o branco vazio, mas sim o branco da luz, da paz e da clareza. Heller (2013) assevera: “o branco é mais do que simplesmente uma cor, ele é a soma de todas as cores da luz” (2013, p. 275). Sendo assim, é possível interpretar como a protagonista passa a reinterpretar a cor que primeiro utilizou para se expressar em seu luto, antes uma tonalidade desprovida de cor, vazia e distante, agora esse tom transmite paz interior e clareza de pensamento, uma luz para um recomeço.

Ressaltamos, novamente, que o estágio de aceitação não é estar feliz, mas sim acolher a dor da perda sem se ressentir com isso. Tal fato fica evidente na fala da personagem ao dizer que “a dor pela minha mãe ainda está lá. Nunca vai deixar de estar. Mas está guardada dentro de camadas e mais camadas de lembranças. Algumas boas; outras ruins. Todas importantes” (Pan, 2019, p.390). Sendo assim, temos o entendimento de que o processo de enlutamento de Leigh está completo. Na tabela abaixo, veremos quais cores conseguimos identificar nas respectivas fases do luto da personagem.

**Figura 1 – Tabela das cores do luto de Leigh**

CORES DO LUTO DE LEIGH				
NEGAÇÃO	RAIVA	BARGANHA	DEPRESSÃO	ACEITAÇÃO
BRANCO	CINZA	NÃO IDENTIFICADO	AZUL VIRIDIANO	ÍNDIGO
			PRETO	ROXO
	AZUL-COBALTO			
	AZUL-CÉU			
	CARMESIM		ROSA CLARO	
			BRANCO	

Fonte: elaborada pela autora (2024).

Em suma, podemos perceber como as cores descritas no discurso de Leigh continuam uma gama de significados que, ao serem revelados, intensificam ainda mais a representação de seus sentimentos em relação ao processo de luto por sua mãe, conforme apontamos ao longo desse estudo. A seguir, teceremos nossas considerações finais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar os estágios do luto da protagonista do romance *As extraordinárias cores do amanhã* (2019), de Emily X. R. Pan, a partir da psicologia das cores, vinculando as cores exteriorizadas por Leigh ao seu período de luto. Com isso, conseguimos captar as cores apresentadas pela personagem em quatro dos cinco estágios de luto apresentados por Kubler-Ross (1981) — negação, raiva, depressão e aceitação.

É válido lembrar que essa pesquisa se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica e análise de uma obra literária ficcional. Desse modo, a atitude da personagem pode se distinguir da realidade de muitas pessoas, mas, assim como explicado pela psiquiatra Kubler-Ross (1981), cada ser humano irá reagir ao luto de maneira singular, e esses estágios não são uma receita à qual será aplicada a todos, sendo, assim, uma série de atitudes que se repetem na maioria das pessoas enlutadas.

Concluimos que, ao realizar a análise de uma obra literária, a partir do método apresentado por Manguel (1997), podemos nos aprofundar nos pensamentos dos personagens e imergimos nos múltiplos significados que os detalhes postos pelos autores podem significar. O símbolo “cor”, ao ser posto em uma narrativa, pode ter inúmeros significados a serem atribuídos pelo leitor. Decerto, essa pesquisa possibilitou que fossemos além das barreiras do óbvio e, a partir dela, podemos analisar outras facetas desse símbolo na narrativa.

Por fim, as obras literárias concentram uma série de símbolos e possíveis leituras que fogem ao senso comum. É fácil entender o enredo do *corpus* analisado

nessa pesquisa, porém compreender profundamente os significados presentes nessa narrativa requer um olhar aguçado do leitor.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORETTINI, Thays. A psicanálise e o inconsciente. **IBRAPSÍ**, 2023. Disponível em: <https://ibrapsi.com.br/a-psicanalise-e-o-inconsciente/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Curitiba: Hemus, 2001.

PAN, Emily X. R. **As extraordinárias cores do amanhã**. 1. ed. São Paulo: Universo dos livros, 2019.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente pelo dom da vida, força e pela graça de concluir este curso.

Aos meus pais João Matias e Maria Aparecida, por serem tão amorosos e por sempre ter feito o melhor para me criar e educar, amo vocês.

As minhas irmãs Jamilly e Jennyfer, por sempre me motivarem a seguir meus sonhos e ter coragem de enfrentar desafios.

A toda minha família, avós, tios e primos, pelo carinho e apoio.

Ao meu amigo Jacelino, pois sem sua ajuda, ao menos saberia eu que tinha passado para este curso.

As minhas irmãs de coração, Emanuelle, Debora, Danielly e Amanda por sempre torcer e incentivar a minha vocação de “professorinha”.

Agradeço especialmente a minha prima Jocely, por toda a ajuda e carinho neste percurso, me acalmando e lendo os rascunhos deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, em particular as minhas estrelas norteadoras, Ana Maria, Brunna e Milena, por toda ajuda, conselhos e lágrimas que trocamos, e a Tarcísio, por todas as risadas e conforto que sua presença me trouxe, para sempre lembrarei dos nossos momentos vividos dentro da “caverna do dragão”.

Ao professor Willian Sampaio, por ter aceitado o convite de guiar este trabalho, por todo apoio, leituras sugeridas e dedicação ao longo dessa orientação.

Aos professores da banca avaliativa, professora Aline e professor Kennedy, por aceitar o convite de ajudar este trabalho através de suas considerações e sugestões.

A Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de vivenciar anos incríveis na minha vida acadêmica.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta jornada, meu sincero obrigado.